

Poesia e cumplicidade nas cartas inéditas enviadas por Murilo Mendes para Mário de Andrade (1931-1932)

Poetry and Complicity in the Unpublished Letters Sent by Murilo Mendes to Mário de Andrade (1931-1932)

Raphael Salomão Khede

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(UERJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR

raphaelsalomao@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3736-2526>

Resumo: A correspondência inédita que pesquisamos foi enviada por Murilo Mendes (1901-1975) para Mário de Andrade (1893-1945), e encontra-se no acervo de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se de trinta e dois documentos, entre cartas e bilhetes escritos à mão, enviados entre 1928 e 1944. As cartas, ao abarcarem um período de mais de dezesseis anos, abrangem uma fase extensa da produção dos dois poetas, fornecendo, assim, informações relevantes sobre dados históricos, biográficos e literários. Por conta da riqueza do material, foi necessário dividir o trabalho em algumas etapas, cabendo ao presente ensaio se dedicar à análise de cinco cartas, um bilhete e um telegrama (assinado também por Aníbal Machado), enviados por Murilo Mendes, entre 1931 e 1932, e de duas cartas de Mário de 1932. É necessário levar em consideração que a fragmentação e a dispersão congênitas ao gênero epistolar, apontadas por Moraes (2000) e Guimarães (2004), são ainda maiores, neste caso, por se tratar de uma parte das cartas enviadas por um único emitente.

Palavras-chave: Murilo Mendes; Mário de Andrade; cartas inéditas; poesia; Modernismo.

Abstract: The unpublished correspondence we researched was sent by Murilo Mendes (1901-1975) to Mário de Andrade (1893-1945), and is in Mário de Andrade's collection at the Institute of Brazilian Studies (Instituto de Estudos Brasileiros – IEB) at the University of São Paulo (USP). These are thirty-two documents, including letters and handwritten notes, sent between 1928 and



1944. The letters, covering a period of more than sixteen years, encompass an extensive phase of the two poets' production, thus providing relevant information on historical, biographical and literary data. Due to the richness of the material, it was necessary to divide the work into a few stages, with this essay dedicating itself to the analysis of five letters, a note and a telegram (also signed by Aníbal Machado), sent by Murilo Mendes, between 1931 and 1932, and two letters from Mário in 1932. It is necessary to take into account that the fragmentation and dispersion inherent to the epistolary genre, pointed out by Moraes (2000) and Guimarães (2004), are even greater, in this case, as it is part of the correspondence from a single issuer.

Keywords: Murilo Mendes; Mário de Andrade; unpublished letters; poetry; Modernism.

1 Introdução

A correspondência inédita que pesquisamos foi enviada por Murilo Mendes (1901-1975) para Mário de Andrade (1893-1945), e encontra-se no acervo de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se de trinta e dois documentos, entre cartas e bilhetes escritos à mão, enviados entre 1928 e 1944. Segundo a informação obtida no acervo de Murilo Mendes, os originais foram registrados em um DVD e enviados do IEB, em 2008, para o acervo do poeta, no Museu de Arte Murilo Mendes, em Juiz de Fora (Minas Gerais). Um elemento que gera surpresa é o fato de que, no acervo de Jorge de Lima, no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, estão depositadas três cartas datilografadas de Mário de Andrade para Murilo Mendes, nos seguintes dias: oito de março de 1932, vinte e seis de junho de 1932 e vinte e quatro de junho de 1933. As epístolas, ao abarcarem um período de mais de dezesseis anos, abrangem uma fase extensa da produção dos dois poetas, fornecendo, assim, informações relevantes sobre dados históricos, biográficos e literários. Por conta da riqueza do material, foi necessário dividir o trabalho em algumas etapas, cabendo ao presente ensaio se dedicar à análise de cinco cartas, um bilhete e um telegrama (assinado também por Aníbal Machado), enviados por Murilo Mendes, entre 1931 e 1932, e à análise de duas cartas de Mário de 1932. A maioria das missivas foi enviada de Juiz de Fora ou do Rio de Janeiro, onde Murilo residia, para a famosa Rua Lopes Chaves, em São Paulo, onde Mário morava, com a exceção de cinco cartas – dos dias dois, onze e vinte e sete de dezembro de 1930; vinte e oito de janeiro de 1931; três de abril de 1931 – enviadas de Pitangui (Minas Gerais), cidade onde o irmão de Murilo, Onofre Mendes Júnior, estava estabelecido.

Ao revelar uma intensa troca intelectual, a correspondência esclarece questões relacionadas à gênese, à publicação e à recepção de obras como *Poemas 1925-1929* (1930), *Bumba-meu-poeta*¹ (1932), *História do Brasil* (1932), *A poesia em pânico* (1937), *As metamorfoses* (1944), de Murilo Mendes, e *Clã do jabuti* (1927), *Macunaíma* (1928), *Remate de males* (1930), *Contos de Belazarte* (1934), *Aspectos da literatura brasileira* (1943), *O baile das quatro artes* (1943), *Dicionário musical brasileiro* (1989), de Mário de Andrade.

Nesse sentido, vale destacar a carta do dia nove de dezembro de 1933 (que não faz parte do *corpus* aqui analisado), em que Murilo acusa, finalmente, o recebimento do poema “Girassol da madrugada” e dá conselhos a Mário. Pelo que esta carta indica, Mário enviou o poema para Murilo, pedindo conselhos sobre a substituição do sétimo verso da quarta estrofe (“O segundo era o louro espanhol”). Murilo, no entanto, emprestou o manuscrito para o amigo Jorge de Lima (1893-1953) e, de fato, o manuscrito datilografado encontra-se hoje no acervo de Jorge de Lima, no dossiê referente às cartas inéditas escritas por Mário para Jorge. No manuscrito de “Girassol da madrugada”, enviado para Murilo, Mário, no final da quarta estrofe, incluiu esta nota: “O verso do espanhol será substituído, o Brasil ainda não comporta coisas assim. Penso em: ‘O segundo eclipse, boi que fala, catacumba’. Ou talvez: ‘O segundo, as prisões não condenarão nada, as ciências não corrigirão nada’. Prefiro o primeiro, o que você acha?”. Murilo, na carta de nove de dezembro de 1933, aconselha Mário a não modificar o verso, porque a substituição proposta não seria adequada, segundo ele, do ponto de vista estético, e deixa a responsabilidade da publicação do texto a cargo de Mário, o qual, de fato, modificou o verso do poema, publicado somente em 1941, junto aos inéditos de *Livro azul*, no volume *Poesias*. No lugar de “O segundo era o louro espanhol”, Mário inseriu “O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma”. Como o eu lírico está falando em primeira pessoa de seus amores, a referência homoerótica poderia soar muito forte no Brasil dos anos 1930, conforme Mário escreve no manuscrito (“O verso do espanhol será substituído, o Brasil ainda não comporta coisas assim”).²

Entre as cartas, há, inclusive, dois poemas pouco conhecidos de ambos os autores: o manuscrito de “Nova canção do Tamoio” (publicado pela primeira vez em revista, em 1960, em seguida em livro, em 1974 e 2013),³ de Mário de Andrade, e a referência ao poema em prosa “A cartomante” (publicado pela *Revista Nova*),⁴ de Murilo Mendes: textos paródicos, escritos

¹ *Bumba-meu-poeta* foi publicado, pela primeira vez, em quinze de dezembro de 1932 (ano 2, n. 8), na *Revista Nova*. Juntamente com os *Poemas 1925-1929*, *Bumba-meu-poeta* teve nova edição em 1988, no primeiro volume das Edições críticas monográficas da Editora Nova Fronteira, e na edição da obra completa de Murilo Mendes, organizada por Luciana Stegagno Picchio em 1994.

² Entre 28 de março e 6 de agosto de 1931 ocorreu uma discussão sobre este poema na correspondência trocada entre Mário e Bandeira (Moraes, 2000, p. 494-517), ao longo da qual o poeta paulistano enviou trechos do “Girassol da madrugada”. Segundo Moraes, “em torno da musa inspiradora do ‘Girassol da madrugada’, o quarto dos ‘amores eternos’ de MA, persiste até hoje a aura de mistério” (Moraes, 2000, p. 499).

³ “Nova canção do Tamoio”, de Mário de Andrade, foi publicada na *Revista do Livro* (nº 20, ano V, dezembro 1960, Instituto Nacional do Livro), por Oneyda Alvarenga, a qual a publicou novamente, em 1974, no volume *Mário de Andrade, um pouco* (Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974). Em 2013, a canção foi incluída na edição das *Poesias completas* (2013) de Mário, organizada por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. “A cartomante” foi publicada na *Revista Nova* (ano 1, n. 4, 15 dez. 1931, p. 526-527), dirigida pelo próprio Mário de Andrade.

⁴ Em seguida, o poema foi incluído em *Conversa portátil*, publicado na edição de *Poesia completa e prosa*, de 1994. Segundo a organizadora do volume, Luciana Stegagno Picchio: “O texto datilografado de *Conversa portátil*, deixado por MM, deve ser considerado o de um livro ainda provisório, *in fieri*. Com efeito, ele pensava incluir aqui, no original português, todas as suas páginas dispersas, inéditas, ou publicadas noutras línguas, especialmente em italiano, desde 1931 até 1974. Por isso acrescentamos aqui no Apêndice outros dispersos de poesia, publica-

no mesmo ano (1931), que foram aqui transcritos. Com alusões explícitas, nos títulos, a dois célebres textos da literatura brasileira do século XIX (o poema de Gonçalves Dias e o conto de Machado de Assis), os dois poemas (inéditos em livro enquanto os autores estavam vivos), apesar das diferenças estilísticas, indicam uma proximidade na concepção estética, que já havia sido detectada por Murilo na carta de vinte e nove de setembro de 1928 (“Que grande afinidade de ideias você tem comigo. [...] Se a gente se conhecesse melhor diriam que nós andamos nos copiando”). Quanto aos aspectos culturais, a carta de vinte e oito de janeiro de 1931 traz informações sobre o que eram chamados de “criolêus”, bailes e agremiações, típicos da época, frequentados pela população negra do Rio de Janeiro.

Em geral, o escritor paulistano se demonstrou um leitor atento da poesia de Murilo, conforme indica, por exemplo, o volume repleto de anotações do livro *As metamorfoses*, hoje depositado no acervo de Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Logo após a breve nota de rodapé de Alceu Amoroso Lima, publicada em *O Jornal* (RJ), em 1930, Mário foi o segundo crítico a analisar o livro de estreia de Murilo Mendes, em artigo publicado no *Diário Nacional* de vinte e um de dezembro de 1930. Esse texto foi reaproveitado por ele para a elaboração do famoso artigo *A poesia em 30*, publicado na *Revista Nova*, em 1931, no qual o escritor paulistano analisou quatro livros editados em 1930: *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; *Libertinagem*, de Manuel Bandeira; *Pássaro Cego*, de Augusto Frederico Schmidt, e *Poemas 1925-1929*, de Murilo Mendes. Entre os quatro, Mário considerou o livro de Murilo o mais importante do ponto de vista histórico, dedicando-lhe palavras elogiosas:

É inconcebível a leveza, a elasticidade, a naturalidade com que o poeta passa do plano do corriqueiro pro da alucinação e os confunde. Essa naturalidade, essa coragem ignorante de si, no Brasil, só seria mesmo admissível no gavroche carioca. E de fato, Murilo Mendes, embora mineiro de nascença, é dono de todas as carioquices. E aqui lembro a contribuição nacional admirável dele. Impenetrável, visceral, inconfundível, há brasileirismo tão constante no livro dele, como em nenhum poeta do Brasil. Realmente este é o único livro brasileiro da poesia contemporânea que sinto impossível a um estrangeiro inventar. Todos os outros, com maior ou menor erudição, maior ou menor experiência pessoal, qualquer homem do mundo teria feito. O que nos outros é fruto duma vontade, em Murilo Mendes, é apenas um fenômeno por assim dizer de reação nervosa (Andrade, 1972, p. 43-44).

Em seguida, Mário não se eximiu em apontar defeitos na obra do poeta mineiro. Em nove de abril de 1939, por exemplo, o escritor paulistano publicou o artigo “A poesia em pânico”, no *Diário de Notícias* (a partir de 1946, o texto foi incluído no livro *O empalhador de passarinhos*). Neste estudo dedicado ao volume de Murilo Mendes, *A poesia em pânico* (1937), Mário indicou diversos problemas, do ponto de vista do ritmo (“ritmo pobre”), da forma (“descuido estético”) e do conteúdo (“as mais rudes banalidades”):

dos em jornal ou revista ou mesmo inéditos, nunca recolhidos em volume” (Stegagno Picchio, 1994b, p. 1705). Há três diferenças fundamentais entre a versão do poema publicado em revista (1931) e a edição de 1994: a grafia de “chofêrs” na edição de 1931 (e “choferes” na edição de 1994); “mas” na edição de 1931 (“só que” na edição de 1994), e “ficou” na edição de 1931 (“tornou-se” na edição de 1994).

Esta é a observação técnica que o livro impõe. Ele se apresenta cheio de pequenas falhas técnicas, provando despreocupação pelo artesanato. Se o que mais se salienta na religiosidade do poeta é a colaboração do pecado, havemos de convir que ele põe o pecado mais no espírito que na carne. Os elementos da perfeição técnica, os encantos da beleza formal estão muito abandonados. O verso-livre é correto mas monótono, cortado exclusivamente pelas pausas das frases e das ideias. A linguagem é oralmente correntia, vazada em geral dentro do pensamento lógico: o poeta abandonou aquele seu saboroso jeito de dizer, tão carioca, do primeiro livro. O ritmo é bastante pobre, principalmente porque, pela altura do diapasão em que está o poeta, lhe deu um movimento muito uniforme, sempre rápido [...]. Na sua procura da poesia essencial, Murilo Mendes se descuidou bastante do problema estético. *A poesia em pânico* é um livro mais de lirismo que de arte. O poeta não foge às mais rudes banalidades, que chocam no meio de uma invenção lírica no geral rara e bem achada. É possível que o poeta trabalhe os seus poemas, porém será sempre em função do maior realismo da ideia, da maior eficiência do sentimento vivido, não será por certo em função da obra de arte. Enfim: sempre essa inflação do artista e esse esquecimento da obra de arte que vem sendo o maior engano estético desde o Romantismo até nossos dias (Andrade, 1955, p. 49-50).

Murilo também é solícito em enviar, através das cartas, suas impressões críticas acerca da obra do amigo. Ao longo do diálogo entre eles, há diversas referências aos protagonistas do movimento modernista no Brasil, tais como Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Raul Bopp, Paulo Prado, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Ismael Nery, Emiliano Di Cavalcanti, entre outros.

Construídas numa linguagem repleta de gírias, jogos de palavras, termos de baixo calão, neologismos, latinismos, italianismos, francesismos e inúmeras referências ao contexto literário e político da época, as cartas são relevantes como exemplo do estilo dos dois poetas e como base para a reconstrução de suas poéticas. Segundo Marcos Antonio de Moraes:

A carta é “laboratório” onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca do sentido) e torna manifestas as motivações externas que «precisam a circunstância» da criação. A escrita epistolográfica também proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional. Enquanto expressão do momento, nascida ao correr da pena, os paradoxos e contradições se tornam presentes. Como em um romance, nela também as paixões entrelaçam e os desejos afloram (Moraes, 2000, p. 14).

Não há notícias sobre as cartas enviadas por Mário de Andrade, com a exceção das três já citadas. Nesse sentido, deve-se levar em consideração a reflexão sobre o gênero epistolar, realizada por Júlio Castañon Guimarães (2004, p. 21), o qual apontou para o seu caráter híbrido e para sua condição precária e lacunar. É necessário, para os fins de nossa análise, partirmos do pressuposto de que a fragmentação e a dispersão, congênicas ao gênero epistolar, são ainda maiores, neste caso, por se tratar de uma parte das cartas enviadas por um único emissor. Nossa tarefa, nesse sentido, será a de tentar reconstruir o que se encontra em estado tão parcial, dando ênfase aos elementos biobibliográficos de maior destaque. Em relação à transcrição das cartas, é importante sinalizar que foi mantida a ortografia original,

no que tange às abreviações, à pontuação e à acentuação. Foi padronizado o uso, oscilante, no manuscrito original, de citação de título de artigos, poemas, revistas, obras de arte e livros.

2 Cartas (1931-1932)

De Pitangui, o poeta mineiro escreveu uma longa carta, em vinte e oito de janeiro de 1931,⁵ em que deu informações – para serem utilizadas por Mário de Andrade na preparação de seu *Dicionário musical brasileiro* – sobre os bailes e as agremiações, típicos da época, frequentados pela população negra:

Criolêu⁶ é mesmo o que você pensa: baile de mulatinhas e crioulas no Rio. Geralmente às 5ª e sábados. Proliferam mais em Botafogo. Tem mestre de cerimônias. Tem o “chefe da dança”. Tem o dono ou dona do baile. Quase todos se movimentam para o carnaval, treinam o ano inteiro pra sair nos ranchos e cordões. É por isto q. a sede deles é quase sempre enfeitada de taças vencedoras. Em certas ocasiões os brancos são admitidos – a 3 \$ por cabeça. A dança mais fabulosa que eu já vi na minha vida foi o blackbottom executado por um casal de pretos no criolêu *Lírio do amor*, em Botafogo. “A pena é impotente para descrever”, como diz o Ministro Luiz Guimarães Filho, nas suas cartas da Holanda, escrevendo sempre. Esses criolêus revolucionam a criadagem carioca. O *Jornal do Brasil* vive deles, meu caro. Não para cozinheira nem copeira, as patroas botam anúncio todo o dia! Devo saber mais alguns termos populares de música, mas agora não me lembro. Devo ter em m. notas no Rio. O diabo é que não sei quando irei lá – e o seu *Dicionário*⁷ pelos modos é pra sair já, não é? Em todo o caso, me parece que em qualquer tempo você aceitará contribuição, não é? (Mendes, 1931b).

Na carta, o poeta informa o amigo, também, sobre o cotidiano de sua vida no Rio de Janeiro e sobre seu primeiro livro de poemas:

Tive ideia, há uns 3 ou 4 anos, com o Pedrosa e o Pequeno, de levantar um cadastro dos “lugares cretinizantes” do Rio – com ilustrações, anotações de tipos e expressões curiosas. Justamente o contrário do que fez sobre Lisboa o conselheiro Acácio!... mas tudo isto acabou devorado por pesquisas e preocupações mais importantes. Na cidade nova, por exemplo, tem umas decorações gozadíssimas que mereciam ser divulgadas – tem Douaniers anônimos no Rio! No manguê tinha um café com um medalhão louco – “os amantes célebres da história” – uma delícia! Não sei se você conhece. Você pergunta se fico em Minas: ma. vida está no ar. Há um ano e meio abandonei as atividades bancárias porque não podia mais – estava em época de grande ebulição – acabava me acabando. Desde então ando a toa, ora no Rio, ora em Minas. Tenho cama, mesa, roupa lavada, namorada, vitrola e linotipo. Em qualquer tempo tenho um lugar me esperando num certo banco no

⁵ A carta do dia vinte e oito de janeiro de 1931 já havia sido transcrita em parte por Marcos Antonio de Moraes no livro *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade* (Moraes, 2007, p. 149-150).

⁶ Termo que está presente, também, no poema “Biografia do músico” de *Poemas 1925-1929*: “o guri nasceu no morro aniquilado de sambas / bebeu leite condensado / soltou pagagaio de tarde / aprendeu o nome de todos os donatários de capitania / esgotou os criolêus da Cidade Nova [...]” (Mendes, 1994, p. 80).

⁷ Mário iniciou a redigir, em 1929, o *Dicionário musical brasileiro*, que foi publicado somente em 1989, após um longo projeto coordenado por Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni.

Rio – mas ainda não me sinto corajoso pra voltar. Mais: no Rio eu não tinha alma quase pra escrever – o ambiente me atacava a sensualidade (Mendes, 1931b).

Na casa do irmão em Pitangui, Murilo encontrou um ambiente mais favorável do que no Rio de Janeiro para o desenvolvimento de sua escrita. Transparece, no tom confidencial do relato, uma faceta (recorrente nas descrições do poeta na adolescência)⁸ de Murilo como um artista “rebelde”, e pouco afeito a escolas e grupos. Murilo se refere a um livro que, na realidade, não chegou a publicar (*Deus no volante*):

Aqui no Pitangui, nesta colina de redes e meninas lânguidas, houve uma explosão formidável. Escrever é um desabafo. Claro que não tenho convicção nenhuma do valor literário das representações “artísticas”, é merda – mas acho que todos nós, podendo, devemos dar n/ depoimento sobre a vida. Entretanto a m/ geração – dos sujeitos que não atingiram os 30 – está num impasse terrível. Falo no plural por uma espécie de delicadeza, mas talvez seja mais conveniente responder por mim só. Em mim vem confluír milhares de correntes, de teorias – e o diabo é que eu sou solicitado pa. todas elas – mas com intensidade desiguais. Quanto à ma. atitude em face do problema econômico, da luta de classes, só penso o seguinte: não consigo resolver o m/ próprio problema, quanto mais o dos outros. Pa. qualquer classe que me transfira serei infeliz. O espetáculo do mundo atual me dá sobressaltos formidáveis – mas eu só posso cruzar os braços. Basta ler um jornal pra se ficar arrepiado! Hesito sempre entre a paixão do momento e a vontade de arranjar uma eternidadezinha!... não sei o que será de mim. Mas, como digo num poema – se eu meter uma bala na cabeça será por excesso de lotação. Tenho horas de 600 minutos – assombros e êxtases incríveis. Não consigo continuidade na ma. vida – hoje posso ser um padre, mas amanhã estou com vontade de ser um moleque – e assim por diante. Vim pra ficar 15 dias com o mano – e já estou há 2 meses. Arranjei uma namorada deliciosa. É bastante romântica, mesmo apesar de não viver olhando pra lua. Eu detesto os temperamentos. Ou por outra, gosto dos sujeitos que têm vários temperamentos. Ao mesmo tempo vou escrevendo poemas infundáveis que oscilam entre 1 e 400 versos. O m/ livro *Deus no volante*⁹ deve entrar no dia 1 pa. o prelo. Foi escrito depois do *Poemas* – é muitíssimo mais variado, tem ritmos diferentes enfim você verá. Repito que já não acredito mais na “representação” artística – mas, enfim, é preciso fazer alguma coisa, ou dar um tiro na cabeça (Mendes, 1931b).

Murilo escreve, ainda, a respeito da releitura de *Remate de males*, colocando em destaque alguns poemas em particular:

Vou relendo o *Remate*, e, coisa estranha – não tenho gostado nem mais nem menos do que na 1ª leitura. A mesma impressão. É sinal que o livro está fixo. A mesma tristeza “dura”, masculina, que deixam “Pela noite de barulhos espaça-

⁸ Segundo Luciana Stegagno Picchio: “Há anedotas também reais sobre a sua mocidade rebelde nos colégios juiz-foranos (‘indignado / me chamam pelo número / detesto a hierarquia’). Do Colégio Santa Rosa, em Niterói, o rapaz foge certa noite para assistir no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ao Ballet de Diaghilev e vislumbrar ‘Nijinski dançando no arco-íris’” (Stegagno Picchio, 1994a, p. 24).

⁹ O *Boletim de Ariel* de novembro de 1933 (ano 3, n. 2) emitiu uma nota anunciando o lançamento de *Deus no volante*: “Murilo Mendes entregará em meados deste mês aos prelos de *Ariel Editora Ltda.* os originais de seu livro de poemas”. No artigo “Ismael Nery, poeta essencialista”, publicado, em 1934, no *Boletim de Ariel* (ano 3, nº 10), Murilo continuava anunciando que *Deus no volante* estava no prelo e se referia a outros livros seus inéditos.

dos” – “Rapaz morto” – “A adivinha” – “Contam que lá no fundo do Grão Chaco” (este convite pra viagem não larga mesmo a gente). Que maravilha, o 7º dos *Poemas da amiga*!¹⁰ Este *Remate* é o livro do sujeito que hesita entre a graça e a gravidade, entre o desperdício e a unidade. Mas apesar do desespero que transparece em certos poemas, você tem saúde, Mário de Andrade! Você faz ginástica! Não falo por inveja! Tantas declarações vão porque afinal você provocou na sua carta, com as perguntas e as entrelinhas. Em outra missiva falarei sobre m/ vida no Rio. – tem alguns detalhes que talvez o interessem. Não desgosto de escrever. Prefiro, a falar. A forma humana me atrapalha. Não sei conversar. Aceito parabéns pelos 2000\$ que vou receber da fundação Graça Aranha! A propósito, que pena a morte do Graça!¹¹ Acho que ele podia ser mais hábil, se retirar do cenário há mais tempo – a “viagem” é um desastre – mas era um sujeito tão fino, tão bom, tão amigo da gente (Mendes, 1931b).

No P.S., o poeta afirma: “estou esperando a *Revista Nova*,¹² e, naturalmente, com ela, o s/ artigo – que só pode ser excelente” (Mendes, 1931b). Na lateral da carta, está escrito: “Se você estiver com o Vila¹³ – que, entre parêntesis, acho um dos músicos fabulosos – peço-lhe dizer que mandei meu livro pra ele, endereçado ao consulado em Paris – não sabia que ele estava aí, soube agora” (Mendes, 1931b). No dia três de abril de 1931, de Pitangui, Murilo escreveu a respeito do estudo de Mário de Andrade sobre a poesia de 1930,¹⁴ demonstrando divergências, em certos pontos, com a análise do amigo. Murilo não esconde, como já havia feito na carta do dia vinte e oito de setembro de 1928, certa discordância, também, em relação a algumas análises de Tristão de Athayde (na época, o crítico de maior destaque¹⁵ na vida literária):

A carta que lhe prometi descrevendo alguns detalhes da vida de nosso grupo lá no Rio ficou no tinteiro. Deixo pra mais tarde, só mesmo contando pessoalmente. Só ontem pude ler a *Revista Nova*. Abraço os 3 diretores¹⁶ pelo “auspicioso acontecimento” e torço valentemente pelo êxito da mesma. Está mesmo muito simpática. Já indiquei ela a alguns sujeitos de boa vontade daqui – e quando for ao Rio e Juiz de Fora convencerei aos amigos pras assinaturas. O s/ estudo sobre a poesia de 1930 é muito substancioso. Você faz a gente fazer as pazes com os críticos. Seus estudos tem tutano, têm peso específico, ao mesmo tempo que uma graça, uma ligeireza que só os poetas, os músicos e os aviadores podem obter. Discordarei às vezes, ou muitas vezes, de certas afirmações suas – mas não encontrarei jamais observações sem oportunidade, ou cabotinas, ou esdrúxulas. E você não pergunta – como tan-

¹⁰ “Poemas da amiga” é o título de uma das cinco seções de *Remate de males*, com doze poemas.

¹¹ José Pereira da Graça Aranha (1868-1931) faleceu no dia 26 de janeiro de 1931.

¹² Murilo se refere ao ensaio “A poesia em 30”, publicado na *Revista Nova* (ano 1, n. 1), dirigida por Paulo Prado, Mário de Andrade e Alcântara Machado.

¹³ Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

¹⁴ Conforme destacou Júlio Castañon Guimarães, Mário de Andrade, neste artigo de 1931, “detectou alguns dos aspectos fundamentais desse plano inicial da poética muriliana. Discerniu sobretudo o plano do surrealismo e o plano do corriqueiro, da vulgaridade da vida” (Guimarães, 1993, p. 31).

¹⁵ Conforme Leandro Garcia Rodrigues (2022, p. 25): “Alceu Amoroso Lima iniciou sua vida de crítico literário com a publicação do livro *Afonso Arinos*, em 1919, para logo ser convidado a integrar a equipe de *O jornal*, no qual assinou a coluna *Vida Literária*, a mesma que Mário de Andrade se sentia obrigado a ler, todos os domingos, nas tardes da pauliceia. Aliás, o autor de *Macunaíma* dizia que ‘ler a coluna do Tristão é uma obrigação’, ainda que fosse para discordar, para falar mal, para se informar ou mesmo para acompanhar a produção da moderna literatura brasileira”.

¹⁶ Antônio de Alcântara Machado, Mário de Andrade e Paulo Prado.

tos críticos. Informa o público. O escritor que você vai examinar não se apresenta a você como uma esfinge; você não declara aos leitores que é incapaz de decifrá-lo. Isto é: você tem sempre o que dizer, e procura generalizar os pontos de vista, o que é muito necessário mesmo. Já o Tristão, por exemplo, cuja honestidade, independência e riqueza de informações sou o primeiro a reconhecer – fecha-se muitas vezes numa unilateralidade que foge à própria essência do crítico. Recentemente, a propósito do *Remate* e do *Poemas*, veja você: ele não se conformou com a falta de mistério do 1º livro (mesmo apesar de certas coisas como “Pela noite de barulhos espaçados”, profético, e “Contam que lá nos fundos do Grão Chaco”, idem), e tocou o pau, evidentemente, mesmo apesar dos elogios. E quanto ao 2º livro – ele preferiu bancar uma espécie de crítico “wagneriano”, descobrindo os leitmotiv do angelismo e do demonismo, e pronto. Me parece, por exemplo, que você insistiu no “asiatismo” do Schmidt. Pra mim o que tem de notável neste poeta é que a obra dele é um panfleto contra a época, os costumes da época etc. Ele consegue sair do tempo e se apresentar como uma espécie de profeta. Nesse ponto justifica-se o asiatismo dele. Quanto ao resto, não vejo. (Sou uma besta! Observo que estou é concordando com você, em relação ao poeta Schmidt!...) (Mendes, 1931c).

Na continuação da carta, Murilo avalia a contribuição crítica do artigo de Mário, avançando algumas hipóteses interpretativas sobre a obra de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade:

Também o voumemborismo não me parece tão acentuado na obra do Bandeira. É admirável, entre outras, – quero dizer: é precisa, a observação que você fez sobre o “tipografismo” desse poeta, que, no *Libertinagem*, se mostra, em quase todos os poemas, um “cubista”. Devo dizer que muitos dos *Poemas* se apresentam assim também – poemas que pedem esmola, nus, de um rigor necessário. Adeus, enfeite. Já o m/ próximo livro, não direi que seja enfeitado – mas é muitíssimo mais variado em ritmos e assuntos – e procura, não só a profundidade, como a extensão. É uma bruta explosão, sem pudor. Você verá. Já ia me esquecendo de lhe dizer que o voumemborismo do “Contam que lá nos fundos” me parece mais acentuado que nas “Danças”, apesar do final destas. E talvez mesmo que a “Invitation au Voyage” tenha impressionado muito mais a gente do que certas poesias portuguesas com este tema. Achei excelente o seu parecer s/ o Carlos. Previ mesmo tal julgamento, quando me encontrei com esse poeta, em novembro em BH. Confere exatinho com o que eu disse a ele. É claro que às grandes linhas somente – isto é, o mais importante. De tudo o que você escreveu sobre *Poemas*, relevo esta anotação agudíssima – “o livro dum homem que não mente mais, libertado de todas as hierarquias psíquicas”. É tão justo, que nem me abalo a discutir outros detalhes de que discordo. Aquilo é o essencial. Entrando no terreno das afinidades, nem você nem o Bandeira quiseram se referir ainda aos m/ entrelaçamentos com o Ismael, cuja obra você conhece, pelo menos, grande parte. Ismael é um formidável artista, que tem apregoado muitas vezes possuir várias afinidades comigo – o que me honra bastante. Sinto que você não tivesse rompido a pragmática, ajuntando ao estudo sobre os 4 poetas numa “Defesa e ilustração do *Remate de males*”, pois assim teríamos o balanço da poesia brasileira em 1930. Quem criticará direito esse livro? Tenho estado tão aborrecido com política, a situação do Brasil, o futuro, o diabo – sei lá – que este delassamento¹⁷ possivelmente estético (meu Deus!...) com você me faz respirar um pouquinho. Janelas!!... mando-lhe um artigo do Guilhermino.¹⁸

¹⁷ “Delassamento” é francesismo: de “délasser”, relaxar.

¹⁸ Guilhermino César (1908-1993) foi responsável pela seção literária do jornal *Estado de Minas*.

Achei uma espécie de poema. Peço-lhe me devolver na 1ª oportunidade – só tenho este (Mendes, 1931c).

Na carta de 11 de novembro de 1931, Murilo se refere ao envio de dois textos para a *Revista Nova*, e desculpa-se por não enviar o poema “Jandira”:

Paulo Prado me falou que vocês estão sem matéria para o no. de dezembro. Fiquei besta. Pensei que vocês tivessem matéria até demais. Aí vão dois troços, não sei se chegarão a tempo e se servem.¹⁹ Se não servirem, peço-lhe que me devolva eles, que darei em 40 à sombra – queremos ver se botamos para fora em janeiro. Não lhe mando a “Jandira” porque ela está num caderno em J. de Fora. Já encomendei, mas eles não acertam com o lugar, não mandam. Vou lá, por estes dias, lhe mandarei de lá (Mendes, 1931d).

Em três de março de 1932, Murilo menciona a publicação do livro *Bumba-meu-poeta* na *Revista Nova* e pede o envio do poema “Girassol da madrugada”:

Como vai você? Nós aqui estamos vivendo dos boatos de S. Paulo e de Changai. Fiquei admirado de você não ter mandado dizer nada sobre a “Jandira”, que lhe mandei em meados de janeiro, você sempre tão pontual pra responder à gente. Tenho vontade de publicar na *Revista* o *Bumba-meu-poeta*, que hoje lhe envio, registrado. Entretanto, me parece muito comprido, não é? Avança no espaço dos outros, tipo do japonês mesmo. Em todo o caso você veja e seja franco. Se não servir peço me devolva, pois só tenho essa cópia datilografada. Estou com muita curiosidade do “Girassol da madrugada”. Eu tenho um “Giralua”. Lembranças ao Alcântara e P. Prado (Mendes, 1932a).

Mário responde no dia oito de março de 1932 (em carta copiada à máquina):

la escrevendo só Murilo mas imaginei no pintor espanhol, ficou tão besta que acabei escrevendo o nome inteiro de você, não por secura mas por causa do pintor. Mas fez bem mesmo de ficar admirado de eu não ter mandado nenhuma palavra sobre “Jandira”. Ou você está sonhando e não mandou nada ou a coisa se perdeu, nesta rua, nesta rua, no meu Bosque solidão é que absolutamente não chegou. Chegou foi agora a carta sua e o *Bumba-meu-poeta*. Nem se discute: coisa grande em tamanho, mas é grande também como poesia, seu Gil Vicente Juan del Encina, vulgo O Judeu, o auto está admirável e fica pra nós. Apenas temos que firmar um contratinho, isto é, sairá no número de agosto deste ano. Você tem que aceitar e nem discuta porque fazemos questão de publicar a coisa (Andrade, 1932a).

Na continuação da carta, Mário relata ao amigo o motivo da desavença entre ele, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida. A questão estava relacionada ao uso de “brasileirismos” na língua literária, aspecto que teria sido apresentado pela primeira vez, de forma consciente, por Mário no seu poema “Noturno de Belo Horizonte” (1924), incluído no livro *Clã do jabuti*:

¹⁹ No número de 1931, a *Revista Nova* publicou o poema “Mulher em todos os tempos”, que foi incluído no livro *O visionário* (1941).

O que acontece é que temos compromissos anteriores que não podem ser abalados mais: no número de agora abril vamos publicar uns poemas de Augusto Meyer, e no de junho seguinte publicaremos o “poema giratório”, do Luiz Aranha Pereira. Este Luiz Aranha Pereira foi um poetinha (em tamanho físico) simili-homem-feito que andou por aqui fazendo barulho em 1922, tempo de Semana de Arte Moderna. Depois arripou [sic] carreira de poesia, aprendeu um mundo de coisas sábias e hoje é minúsculo funcionário do Ministério das Relações Exteriores. Não faz mais poesia e nunca teve ocasião de ver nenhum dos poemas compridos dele publicado. A *Estética*, do Prudentinho ia publicar no 3º número este “Poema Giratório”, mas sucedeu uma intrigalhada dos demônios em que, com vergonha confesso, também me meti. O fato é que o Ronald a todo vapor publicava meio à socapa *Toda a América*, onde vinha o poema “Brasil” dele, mas estava indignadíssimo com o Guilherme de Almeida, porque este com mais faca ou mais queijo na mão, inda [sic] ia ganhar dele em avanço de publicação com o *Raça*.²⁰ Soube e isso me doeu porque nós bem sabíamos, e o Manu dissera pro próprio Guilherme que a moda de tais brasileirismos de momento tinham nascido do meu “Noturno de Belo Horizonte” que eu na mais ingênua das lealdades andara lendo por aí e os dois poetas laureados conheciam. Fiquei todo espinafradinho, pedi pro amigo Luiz que me cedesse o lugar dele e o “Noturno” inda acabou saindo primeiro, pelo 3º número de *Estética*. Mas o Ronald bem tivera razão num artigo ou discurso, não lembro, de distinguir entre os artistas do Rio que chamava de “malandros” e os da província, e acabou ganhando da gente, pois antedatou o Brasil, e quem que agora vai provar que ele antedatou a coisa? O fato é que quando eu recitara o “Noturno” aí no Rio, por duas vezes, uma na casa do Elísio e outra na casa do Ronald, esta vez em reunião íntima, jamais que ele falara no Brasil dele, dissera mas outras coisas, em que se não me engano muito, estava o famoso estampido do baiacu. Ora o 4º número de *Estética* não saiu mais e com isso o Luiz mais uma vez ficou inédito. Agora fazem dez anos da Semana e no número de junho da *R.N.* o Prudente escreverá um estudo sobre ela. Eu escreverei um estudo sobre a obra inédita do Luiz que só eu possuo, nem ele! E publicaremos o “Poema Giratório”, que com todos os vícios de época, sempre se conserva interessantíssimo. Assim o *Bumba-meu-poeta* ficará pro número imediatamente seguinte da *R.N.* Mande dizer que aceita, porque aceita mesmo, a única cópia está comigo e não dou mais ela nem que você brigue comigo, amicus Plato sed magis amica *R.N.* (Andrade, 1932a).

Na conclusão da missiva, Mário, ao demonstrar relutância em enviar o poema “Girassol da madrugada”, declara sua predisposição mais para o exercício crítico do que para a escrita poética:

E aproveite a ocasião pra me mandar outra cópia da “Jandira” que estou seco pra ler. Não mando o “Girassol da Madrugada”, porque sem modéstia, acho que não vale a pena. Não acho ruim não, mas acho que você deve achar ruim. Ah companheiro, eu agora já estou naquela descida da montanha em que a gente procura as perfeições e não sabe mais se enlambuzar com o rouge dos lábios safadíssimos da verdadeira poesia, com perdão da palavra e da imagem. Deixe que eu ainda tenha a sabedoria de compreender e amar vocês, poetas verdadeiros, e você em especial, bumba, meu poeta, que depois duns turtuveios, após a publicação do livro, voltou de novo a equilibrar a coroa sobre a cabeça, olelê bumba riá! como se canta no Nordeste. Mas vocês não devem gostar de mim. Me contento de saber que teve um tempo em que já fui sustança, e dez anos de sustança cansa. Agora sou veneno, que não rima com sustança nem com cança: veneno que não rimo mais com vocês. Me apupem, se quiserem, que está certo, o político Schmidt diz que já

²⁰ Publicado primeiro pela revista *Klaxon* (1922-1923) e, em livro, em 1925.

princípios, eu cá fico na minha adoração de vocês, quando são bons de verdade. Por isso toque nestes ossos e que vão de mim para os vossos, com o maior entusiasmo, chique palavra graçaranhica! Com o maior amor, chique palavra viadesca! Com o maior não-sei-o-quê pelo real Bumba meu poeta (Andrade, 1932a).

Em anexo à carta de vinte e oito de maio de 1932, Murilo Mendes envia o poema “Jandira”, que será publicado, somente em 1941, no livro *O visionário*:

Aí tem você a famigerada “Jandira”. Não sei escrever à máquina, sou anti-técnico; se tiram a caneta da minha mão sou um sujeito perdido. Ando arrastando uma vasta preguiça... está explicado o tardio aparecimento dessa madona de 1931, Jandira. Que vontade de estar em São Paulo! Parece que invadiram a exposição do Di, amigo do Miguelzinho, e queimaram as mulatas... apesar da reação da colônia portuguesa. É o que rosnam por aqui. Afinal de contas, São Paulo é o único estado do Brasil que tem consciência coletiva. Você botou umas queixas naquela carta – carta de visagem comovente, mas safada no fundo. Ando afastado das cogitações da denominada “gente nova”, não sei bem o que eles pensam... quanto a mim, penso que *Macunaíma* responde a todos os mas, entretanto há exagero, restrições etc. Não sou 100% a favor de você, nem de ninguém. Nem ninguém é 100% a favor de ninguém. Nem deve ser mesmo. Em vez de usar os elementos contra, uso os a favor. Que me importam, por exemplo, as fumações de ópio de Baudelaire, os seus chinelos roxos, os cabelos verdes, os seus excessos de devoção ao Poe etc, se as *Flores do mal* botam uma pedra em tudo? Eu, que sou anti-sistemático, posso sair de mim mesmo para avaliar com justeza a sua posição, como sistema, na nossa literatura, e toda a significação finalística da sua obra. Cumprido esse dever positivamente crítico, boto o pijama e me delasso nas páginas do *Clã*, do *Macú* e do *Remate*, sem compromissos mais com as teorias. Vejo também que em certas páginas desse último livro há um estremecimento, onde se antecipa uma certa maturidade que dará à sua poesia uma ressonância maior; livre dos compromissos com o ambiente em q. se tem desenvolvido. Estou contra o Athaide, que taxou de epidérmico esse livro. O diabo é que estou me surpreendendo numa latitude soi-disant crítica!... Fiquei ciente a respeito da publicação do *Bumba meu poeta*. Estive achando que é muito comprido, eu vou atrapalhar vocês!... não se vexem, botem de lado. Se tiver por aí algum exemplar perdido da revista em que vem “A cartomante”,²¹ peço me mandar, não tenho cópia (Mendes, 1932d).

²¹ “A Cartomante” é um poema em prosa publicado por Murilo Mendes na *Revista Nova*, em 1931 (ano 1, n. 4): “Minhas pernas circulavam num céu de sabão, quando uma mulher que de tão morena parecia a estátua da Fatalidade plantou-se diante de mim. Imediatamente nasceram dois baralhos de suas mãos. Diversos senadores, chofêrs, estudantes, operários e o núncio apostólico suicidaram-se na frente dela. Eu também devo ter me suicidado, mas o poeta é o tipo do sobrevivente. Ela ainda agarrou pela aba do roupão o banhista José, mas o herói deslizou na primeira onda de som e caiu no mar. A mulher soltava mentiras a todo o instante. Cada vez que ela soltava uma mentira, nascia uma roseira. Em breve a praça ficou coalhada de roseiras com seus cinemas, suas confeitarias, seus bordéis, seus anúncios luminosos, seus bancos, suas guilhotinas. Os peixes cintilavam no céu e, movendo graciosamente as barbatanas, faziam vibrar a música das esferas. Diante do espetáculo da ordem da criação, meu espírito bárbaro levantou as camadas de sífilis e de pesadelo que me legaram os retratos de meus avôs cretinos, e gritou diante do mar coalhado de paquetes: ‘Mulher que pareces contemporânea do 1º tempo do espírito, explique-me, ô anjo – máquina de costura – caos, porque existe um limite para a desarmonia; porque os sonhos não atropelam os geômetras na rua; porque os peixes-voadores não atropelam os capitalistas nas suas casas; porque as diabas-antenas não atropelam os músicos nas suas cabeças; porque a minha namorada não me matou’. Aposto um mamão contra a eternidade que a mulher ia responder; mas um aeroplano que passava atirou uma bomba de tinta Eureka na cabeça dela. O ar ficou tão lavado e transparente que eu pude

O telegrama do dia vinte e cinco de outubro de 1932 é assinado também por Aníbal Machado: “pedimos urgentes suas notícias. Esperamos poesia tenha se salvado meio catástrofe. Macunaíma deve ter ficado com algumas reservas de ‘não pode!’ e bananas líricas para diversas categorias” (Mendes, 1932c). No bilhete do dia dezesseis de junho de 1932, Murilo pede a Mário que envie ao pintor Di Cavalcanti o livro de contos *Galinha Cega* de João Alphonsus de Guimaraens: “O João Alphonsus me mandou uma *Galinha cega*²² pra eu servir ao Di. Acontece q. eu não sei o endereço do mesmo, desde q. ele se passou pra esse país amigo. Mando-a, portanto, ao s/ cuidado. Desculpe a liberdade. Já lhe mandei por 3 vezes a ‘Jandira’. Não recebeu? Insisto no ‘Girassol da madrugada’” (Mendes, 1932b). Em vinte e seis de junho de 1932, Mário escreve acusando o recebimento de “Jandira” e de *Bumba-meu-poeta*:

Recebi sua carta e enfim acuso recebimento da “Jandira” que de fato só me chegou da segunda vez. É uma aventura “Jandira”, simplesmente uma delícia. Acho ainda melhor que aquela outra mulher do fim pro princípio que publicamos na R.N. Mas essa Jandira é uma aventura, o *Bumba meu poeta* é formidável. Sinto que nasceu sob o signo da eternidade. Mas engraçado, estas últimas coisas de você, me deixam, eu, que sou inteligente pra burro, numa atrapalhão safada, não consigo dizer nada sobre, gosto de ti porque gosto, e pronto. Inda um dia hei de pegar todas estas coisas novas de você, e tão novas mesmo, tão deroutantes,²³ e leio tudo duma assentada, esmiúço tudo, vou verificar por que escapatória maravilhosa, você já está indo muito além do surrealismo, sem no entanto abandonar seu caminho, numa evolução que sinto admiravelmente lógica mas que ainda não consigo explicar bem (Andrade, 1932b).

Na continuação da carta, Mário declara que o poema “Girassol da madrugada” ainda não estava concluído e que estava enviando um poema escrito em 1931, intitulado “Nova canção do Tamoio”:²⁴

Você me pede que lhe mande o “Girassol da madrugada”, mas desta vez ainda não vai. Simplesmente porque tem dois versos dentro dele que me desgostam horriavelmente e que careço mudar. Mas inda não tive tempo de rever os poemas, ou antes, rever esse pedaço. Mas assim que mudar a coisa, lhe mandarei tudo. Aliás outro dia, mexendo na minha pasta da secretaria, achei a lápis este poema, com a data de 17 de outubro de 31, quatro horas da madrugada. Não sei de que aventuras tenebrosas eu vinha pra estar assim safadamente cético, e escrever essas coisas.

distinguir com nitidez a linha que vai do equador ao polo; em cima dela um japonês se equilibrava, jogando bilboquê com a cabeça de um chinês” (Mendes, 1931a, p. 526-527).

²² Em 1932, no *Boletim de Ariel* (ano 2, n. 1), Murilo escreveu uma apresentação da *Galinha Cega*.

²³ “Deroutantes”, francesismo, está por “confusas”.

²⁴ O texto do manuscrito de “Nova canção do Tamoio”, enviado junto à carta, é: “Entregue-me o espírito, // Carregue na força; / Disfarce o tamanho / Da bolsa mineira; / Revolte-se contra; / Descubra petróleo / Não tenha bichinho, / Controle a virtude, / Entreabra os ovários, / Fecunde com o vento. // Depois com malícia / Transporte o seu vício / Pras costas da Mãe; / Ponha o seu retrato / Em todos os records, / Só pratos do dia, / Recortes das folhas... / Lampeão, mas é intriga: / Chicago no leme; / E então é possível / Ir ver Margarida. // Porém não insista / E leve os gerânios. / Cosquinhas, alardes / Dos autos sensuais, / Vem o soberano / Gozando a explosão. / No peito! no peito! / Mas sem hesitar! / Que a faca que corta / Dá corte sem dor. // Agora é só espírito, / Desista da força; / Vem a cruz descendo / Do alto Corcovado, / Músicas e incensos / Corcovam no vento, / Mas sem fecundar... // Lamento, seu mano, / É um duro combate... / Eleve ou abata, / Viver é lutar”.

Não tem nada de bonito, a não ser o verso da Margarida, que esse gosto. Mas acho engraçado o resto e por isso lhe mando (Andrade, 1932b).

Na conclusão da epístola, Mário autoanalisa o próprio poema:

E ciao que estou com pressa. Não é pândego? Não gosto muito daquele “soberano gozando a explosão”, não sei bem porque, não entendo nada do que isso quererá dizer. Será soberano dinheiro, ou soberano classe? O andamento do sentido parece indicar soberano dinheiro, mas não consigo sentir soberano dinheiro e quando leio a passagem é soberano gente, soberano classe que me vem na imagem, tanto mais que a explosão, parece que está mandando o soberano à puta que o pariu. Mas então porque será que o soberano está gozando!... Não sinto, mas não tenho razão nenhuma que me permita mudar esses versos, e tirar é impossível, repare que corta todo o ritmo do sentimento. Talvez inda decore essa poesia que é boa pra fazer a gente andar em passo bem rápido na rua, e, dizendo, dizendo, inda cabe uma interpretação pra esses dois versos, ou arrebe dentro de mim qualquer substituição mais lógica deles. E agora ciao de verdade (Andrade, 1932b).

3 Considerações finais

A leitura das cartas inéditas traz à tona a intensa troca intelectual entre os dois poetas, assim como diversos elementos úteis para a reconstrução do contexto histórico-literário dos anos do modernismo. Um exemplo explícito, nesse sentido, é a carta escrita por Mário de Andrade no dia oito de março de 1932, em que o escritor reconstrói uma das anedotas sobre as desavenças no meio intelectual modernista, em particular entre ele, Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho, no que diz respeito ao uso de “brasileirismos”. Mário reivindica para si o primado no uso de uma terminologia e sintaxe aderentes ao uso oral da língua portuguesa no Brasil. Nas cartas de treze e de vinte e nove de setembro de 1928, Murilo analisa, no calor do momento, *Macunaíma*, colocando em destaque não somente a “farsa” e a “molecagem”, mas também alguns traços da cultura brasileira: “Nessa coisa de brasileiro, assombração, lenda entrando pela realidade a dentro, esperteza, ingenuidade, desconfiança, preguiça” (Mendes, 1928). Neste trecho, resulta evidente a proposta do modernismo brasileiro de construção de uma “mitologia” moderna nacional e de uma “linguagem brasileira”, para usarmos as palavras empregadas por Murilo. O poeta mineiro foi influenciado, em seus primeiros poemas, pelo tom irreverente dos poemas-piada de Oswald de Andrade e de *Macunaíma*, lido por ele duas vezes seguidas, conforme atesta a missiva de seis de outubro de 1928 (“Reli *Macunaíma*”). Nas cartas, além das alusões ao socialismo e ao catolicismo – dois dos três pilares principais da poética de Murilo Mendes, junto ao surrealismo –, há diversas indicações relevantes para a análise e a interpretação da poética e do estilo de duas figuras fundamentais do modernismo brasileiro. As cartas auxiliam na reconstrução da gênese e da publicação das obras dos autores, permitindo que o leitor tenha contato com o processo de reescrita de Murilo Mendes, o qual muda os títulos de livros, como no caso de *Saúde e fraternidade* (em seguida, substituído por *Poemas*), como deveria ter sido intitulada a sua primeira obra. Diversas cartas informam sobre o processo de elaboração a que foi submetido o poema “Jandira”, enviado, em 1932,

para Mário (o qual acusa o recebimento em vinte e seis de junho daquele ano) e publicado somente em 1941. As cartas revelam o início da longa questão editorial de dois textos: o auto *Bumba-meu-poeta*, de Murilo Mendes, publicado pela *Revista Nova* em 1931 e editado em livro somente em 1988, e o *Dicionário musical brasileiro*, de Mário de Andrade, inédito até 1989.

A leitura do diálogo epistolar nos permite ter acesso, também, à intensa operação de envio de textos, como no caso dos poemas anexados por Murilo para serem publicados na *Revista de Antropofagia* e na *Revista Nova*. Ao enviarem seus textos junto às cartas, os poetas emitem suas opiniões críticas, indicam defeitos, avançam propostas e conselhos, apresentando, em diversos casos, análises dos textos enviados para avaliação. Mário submeteu a Murilo, junto à cópia do poema “Girassol da madrugada”, dúvidas, às quais o poeta mineiro respondeu com conselhos. Entre as cartas, há, inclusive, referências a dois poemas pouco conhecidos de ambos os autores que foram aqui transcritos: “Nova canção do Tamoio”, de Mário de Andrade, e “A cartomante”, de Murilo Mendes: textos paródicos, escritos no mesmo ano (1931). A convergência entre os dois poemas se dá, não somente pelo clima surrealista comum (mais acentuado no poema de Murilo) e pela releitura da tradição em chave paródica, mas, sobretudo, pelo tom irreverente: o que Mário indicou como “gavroche carioca” no artigo de 1930, sobre o primeiro livro de Murilo (“Essa naturalidade, essa coragem ignorante de si, no Brasil, só seria mesmo admissível no gavroche carioca. E de fato, Murilo Mendes, embora mineiro de nascença, é dono de todas as carioquices” [Andrade, 1972, p. 43-44]). No caso de “Nova Canção do Tamoio”, caracterizada pelo ritmo cerrado e pela construção hermética, há um clima de revolta (“revolte-se contra”) semelhante ao do poema de Murilo (“porque os peixes-voadores não atropelam os capitalistas nas suas casas”), no qual a ambiência é criada através de imagens angustiantes de barbatanas e guilhotinas. No poema de Murilo, está em primeiro plano, conforme a definição de João Cabral de Melo Neto (“Sua poesia me foi sempre mestra, pela plasticidade e novidade da imagem. Sobretudo foi ela que me ensinou a dar precedência à imagem sobre a mensagem, ao plástico sobre o discursivo” [Melo Neto *apud* Mendes, 1994, p. 41]),²⁵ um dos elementos principais de sua concepção estética: a plasticidade da imagem, mais do que a construção de um discurso ou a veiculação de uma “mensagem”.

Por fim, vale destacar que as cartas fornecem diversas indicações relevantes para o aprofundamento da análise e da interpretação da poética e do estilo de duas figuras fundamentais do modernismo brasileiro.

Referências

ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930 [1931]. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1972. p. 27-45.

ANDRADE, Mário de. A poesia em Pânico [1939]. In: ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1955. p. 45-52.

²⁵ Trecho citado por Haroldo de Campos em seu artigo “Murilo e o Mundo substantivo”, publicado no *Estado de São Paulo* em 1963 (em 1967 foi incluído no livro *Metalinguagens*). Este trecho foi publicado também no volume *Poesia completa e prosa* de Murilo Mendes (1994, p. 41-43).

ANDRADE, Mário de. [Correspondência]. Destinatário: Murilo Mendes. São Paulo, 8 mar. 1932a. Arquivo-museu de Literatura brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Acervo: Jorge de Lima. Código de referência: JL VP RS MIS 128.

ANDRADE, Mário de. [Correspondência]. Destinatário: Murilo Mendes. São Paulo, 26 jun. 1932b. Arquivo-museu de Literatura brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Acervo: Jorge de Lima. Código de referência: JL VP RS MIS 128.

CAMPOS, Haroldo de. Murilo e o mundo substantivo. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagens*. São Paulo: Vozes, 1967. p. 55-64.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios/Conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MENDES, Murilo. A Cartomante. *Revista Nova*, p. 526-527, ano 1, n. 4, 15 dez. 1931a.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Pitangui, 28 jan. 1931b. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL4657.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Pitangui, 3 abr. 1931c. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL458.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 3 mar. 1932a. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL4660.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 11 nov. 1931d. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL4659.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 16 jun. 1932b. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL462.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 25 out. 1932c. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL463.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 28 maio 1932d. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL4661.

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 29 set. 1928. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Acervo: Mário de Andrade. Código de referência: MA-C-CPL4651.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007.

RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). *Jorge de Lima & Alceu Amoroso Lima: correspondência*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2022.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. Introdução geral. In: MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a. p. 9-81.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. Notas e variantes. In: MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b. p. 1603-1712.